

A REPRESENTAÇÃO DE MULHERES ROMANAS EM SEUS EPITÁFIOS

Sarah Tolfo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

RESUMO

O presente texto tratará sobre como as mulheres do Império Romano, do período arcaico (até aproximadamente 1º século d.C.), eram vistas e idealizadas pela sociedade e, principalmente, por seus maridos. O objetivo do trabalho é identificar quais eram as qualidades apreciadas e esperadas em uma mulher romana da época, refletindo sobre as relações e os papéis de gênero na antiga sociedade romana. Para tal análise, serão utilizadas como instrumento as inscrições epigráficas contidas em seus epitáfios. Indo ao encontro de uma vertente hermenêutica feminista, este trabalho procura recuperar as vozes de algumas das incontáveis mulheres perdidas nos livros de História.

PALAVRAS-CHAVE: História das Mulheres. Roma Antiga. Epitáfios.

ABSTRACT

The current text will deal with how women in the Roman Empire, particularly in the archaic period (until about 1º century C.E.), were seen and idealized by society and, most important, by their husbands. The aim of this work is to identify which qualities were the most appreciated and the most hoped for in a roman woman of the time, reflecting on the relationships and gender roles in Ancient Rome society. For this purpose, epigraphic inscriptions used in their epitaphs will be used as analysis instruments. Towards a feminist hermeneutics direction, the current work seeks to recover the voices of some of the countless women lost in History books.

KEYWORDS: Women's History . Ancient Rome. Epitaphs.

INTRODUÇÃO

Ao falarmos sobre a Antiguidade Clássica, as imagens evocadas são essencialmente masculinas: guerras, armaduras, espadas, grandes políticos e Imperadores. Em todo período histórico, as imagens ligadas aos homens são mais facilmente lembradas, mas em se tratando da Antiguidade, o apagamento feminino atinge seu ápice. E quando são lembradas, *como* são lembradas essas mulheres? O modo como as imaginamos hoje é semelhante ao modo como se imaginavam em sua época? Em 189 a.C o dramaturgo Plauto escreveu: *Miserius nihil est quam mulier*. “Nada é mais miserável do que uma mulher.” Quantos compartilhavam dessa opinião?

Segundo Kristina Milnor, não é possível escrever uma história “real” das mulheres na Roma Antiga. Tanto por uma limitação das fontes deixadas, fortemente enviesadas por olhares masculinos, quanto por *nossa* visão fortemente enviesada por nossos próprios olhares e crenças, sejam masculinos ou não. O que é possível, ainda segundo Milnor, é sondar as fantasias culturais romanas sobre as mulheres (MILNOR, 2006, p. 38). Tendo em vista que os valores e as ideias de nossa sociedade ocidental foram fortemente pautadas nos preceitos greco-romanos, penso que tal investigação pode ajudar a compreender os ideais tradicionais de feminilidade.

O “universo” reservado às mulheres que será explorado nesse trabalho será o das mulheres romanas comuns, as com pouca ou nenhuma ascendência nobre, conseqüentemente, com pouca ou nenhuma influência na sociedade política romana. Estas mulheres sofreram um duplo apagamento na História: o de gênero e o de classe.

De certa maneira a maior parte das mulheres romanas da Antiguidade estava comprometida em gerir bem seu *domus* e cuidar de sua família. Apesar de haver algumas outras opções de modo de vida, desde sua infância a mulher era incentivada a sonhar com um bom casamento e uma casa para comandar e a frustração de tais expectativas geradas pela sociedade podia resultar em constrangimento e ostracismo. A oposição entre as boas e as más mulheres pode ser encontrada na história de Tito Lívio sobre Lucrecia, no final do primeiro volume de *Ab Urbe Condita* (1.5815). Na história, o marido de Lucrecia ganha uma aposta

contra os Tarquínios ao encontrá-la em casa, cercada por criadas e fiando lã, ao passo que as esposas dos perdedores são descobertas jantando em uma festa.

Havia, claro, oportunidades de socialização fora de casa e analisando de uma maneira mais ampla, a vida pública da mulher romana era mais ativa do que a da mulher grega. Philo de Alexandria, em sua obra *As Leis especiais*, descreve mulheres tomando parte em brigas de rua, com o objetivo de defender seus maridos:

Se alguma mulher, ao ouvir que seu marido está sendo agredido, está sendo levado para longe de seu afeto; levada pelo amor ao marido, deve se render aos sentimentos que a dominarem e correr para ajudá-lo. Ainda assim, não deve ser tão audaciosa e comportar-se como um homem, ultrapassando a natureza de uma mulher.[...] Mas agora, algumas mulheres estão avançado a tal ponto de falta de vergonha que, apesar de serem as mulheres, dão vazão à linguagem imoderada e abuso entre uma multidão de homens, até mesmo os atacam e os insultam, com as mãos feitas para obras de tear e fiação e não para golpes e agressões (PHILO, *Leis Especiais*, 172-5).

No caso das mulheres pertencentes às elites, um dos exemplos de ação feminina é o discurso feito por Hortensia, filha do orador Hortensio. O discurso tinha como objetivo conseguir a redução do imposto cobrado das 1.440 mulheres mais ricas de Roma, em 43 a.C. O historiador Apiano registrou o discurso em sua obra *Guerras Civis*

Nos privaram de nossos pais, de nossos filhos, de nossos maridos e nossos irmãos com o pretexto de que vós traíram [...] Se nós lhes fizemos qualquer mal- como dizem que nossos maridos fizeram- nos castiguem como a eles. Mas se nós, todas as mulheres, não votamos em nenhum de seus inimigos públicos, nem derrubamos suas casas, nem destruimos seus exércitos, nem nada fizemos contra vocês. Se não os impedimos de obter os cargos ou as honras, por que compartilhamos do castigo sem cometer os crimes? Por que pagamos tributos se não compartilhamos a responsabilidade pelos encargos, pelas honras? [...] (APIANO, 4.32-34)

Apesar de toda a diversidade social e cultural romana e apesar de dessa agência feminina comprovada por escritos da época, a descrição feminina que habitualmente é feita nos epitáfios das mulheres é seu oposto: homogênea e estereotipada. Os adjetivos usados são exaustivamente repetidos e as relações familiares repletas de lugares comuns. Devemos nos perguntar qual o objetivo interno dessa construção de um *ethos* feminino que não buscava representar realmente a vida de uma mulher e, ainda assim, se pretendia representante de todas as mulheres como grupo (MILNOR, 2006, p. 38). A análise de quais eram essas qualidades consideradas boas e até que ponto é possível determinar o que elas realmente significavam sobre as mulheres romanas e seu papel social é o que será tratado nesse artigo.

É POSSÍVEL UMA HISTÓRIA DAS MULHERES NA ANTIGUIDADE?

As mulheres romanas não deixaram muitos registros de suas histórias e de seus pensamentos. Em um cenário no qual a alfabetização era reservada apenas às classes mais altas e as mulheres deveriam ficar confinadas ao âmbito privado de suas residências, as inscrições epigráficas são algumas das poucas formas de acessar os rastros por elas deixados. No caso das mulheres romanas, há ainda menos evidências sobreviventes de seus escritos do que no caso das mulheres gregas (HALLET, 2013, p. 61).

A história das mulheres na Antiguidade deve ser contada agora, não apenas porque legitima um aspecto da história social, mas porque o passado ilumina problemas contemporâneos das relações entre homens e mulheres (RICHLIN, 2014, p. 287)

As visões tradicionais romanas atribuíam às mulheres uma natureza caracterizada pela *levitas anime* (algo como uma “fraqueza de julgamento”). Sua influência, então, ficava restrita aos assuntos reprodutivos e domésticos, podendo, em ocasiões específicas, participar de atividades culturais e religiosas. Embora pareça ser um consenso que as mulheres dos países latinos se ocupavam mais de questões religiosas do que os homens, isso depende muito do tipo da doutrina e do ritual: a religião romana tradicional era centrada no *domus*¹ e nos cultos estatais, e em ambos o homem representava o papel principal, como *pater familias*² e como cidadão. A participação feminina está presente, é claro, na forma das virgens *Vestais*³, sacerdotisas da deusa *Vesta* protetora da chama sagrada. Algumas deusas também recebem cultos exclusivamente de mulheres, como no caso das deusas *Bona Dea*⁴ e *Pudicitia*. Até o

¹ *Domus*: casa; usado mais frequentemente do que *familia* para se referir à unidade familiar básica. Incluía todos os parentes ligados através de mulheres, enquanto *familia* normalmente se refere apenas aos parentes ligados à família através da descendência masculina (*agnados*) (PARKIN & POMEROY, 2007, p. 72).

² *familias*: líder masculino da família; tradicionalmente é dito que ele possuía o poder de vida e morte (*necis ius vitae ac*) sob todos aqueles em sua jurisdição (PARKIN & POMEROY, 2007, p. 73).

³ As *vestais* eram exclusivamente recrutadas de famílias patrícias (LIPKA, 2009, p. 170).

⁴ O culto à deusa *Bona Dea* era cerimônia pública celebrada anualmente pelas mulheres nobres casadas. Ocorria na residência privada do cônsul, e as mulheres agiam sob a orientação das *vestais* (LIPKA, 2009, p. 108).

final da República romana as mulheres não foram proeminentes na religião (FINLEY, 2002, p. 154-155).

A imagem da mulher na Roma Antiga é muito pautada pela visão masculina, uma vez que os homens são os responsáveis pela produção da grande maioria das fontes que temos. Como aponta Rabinowitz, “mesmo quando vemos mulheres representadas em esculturas ou vasos, ainda as vimos pelos olhos masculinos” (RABINOWITZ, 2013, p. 10). São as perspectivas desses homens que chegam até nós, suas ideias sobre os papéis e os deveres das mulheres (CALDELLI, 2014, p. 582). Quando se fala sobre a história das mulheres na Antiguidade é importante ter em mente que as fontes existentes são fortemente enviesadas. As literárias, por exemplo, tratam majoritariamente das mulheres pertencentes à elite e refletem os preconceitos inerentes aos seus autores masculinos (CALDELLI, 2014, p. 582).

Penso que aqui há algo de revolucionário sobre conhecer o passado; quando recuperamos do esquecimento essas mulheres que já se foram há tanto tempo, nós estamos realmente deslocando a balança (RICHLIN, 2013, p. 294)

Os estudos clássicos geralmente são voltados sempre para os mesmos autores, como Homero, Tucídides, Virgílio, Ovídio. O modo de pesquisa é pautado quase que totalmente em estudo textual, cujo significado seria imparcial, pois é supostamente baseado em uma filologia neutra (RABINOWITZ, 2013, p.04). Em outras palavras, se tornou um discurso que reproduz seus próprios termos continuamente (SKINNER, 1986, p. 182)

Dessa forma, diversas vezes se passa despercebida a ausência de grupos não inclusos nos cânones literários acadêmicos. Novas pesquisas envolvendo recortes de gênero, classe social e de raça foram produzidas apenas recentemente, o que torna o tema uma lacuna na historiografia clássica, o que por vezes reforça a visão estereotipada de uma “época de ouro” altamente masculinizada, composta unicamente por grandes guerreiros em armaduras:

Apenas examinando o longo desenvolvimento de atitudes com relação à linguagem e representação que tem limitado o autoconhecimento e a expressão feminina é que podemos balançar os efeitos de séculos de controle patriarcal (GOLD, 2013, p. 78).

Faz-se necessária uma maior produção de trabalhos que abordem a história das mulheres e que proporcionem reflexões sobre sua construção, seus estereótipos e os vestígios de suas existências, principalmente tendo em vista o grande legado cultural e filosófico da Antiguidade na formação de todo o pensamento ocidental. A contraposição entre textos antigos escritos por homens sobre as mulheres e outras antigas evidências sobre mulheres,

podem ajudar a iluminar as aspirações sociais, políticas, artísticas e eróticas dessas mulheres (GOLD, 2013, p. 77).

A RELAÇÃO DOS ROMANOS ANTIGOS COM A MORTE

Em um cenário no qual eram comuns a falta de saneamento, doenças, epidemias, fome, desnutrição e guerras, a taxa de mortalidade era alta. Conseqüentemente, a morte, fosse a de idosos, a de jovens ou a de crianças, era uma realidade bastante presente no cotidiano e no pensamento da sociedade. Com relação às mulheres, e principalmente as de classes mais baixas, o número de mortes era ainda maior devido a complicações no parto. Durante o segundo e o terceiro século a.C, um túmulo familiar usado regularmente continha 68 mulheres enterradas por seus maridos e 41 maridos enterrados por suas esposas (FINLEY, 2002, p. 153).

O desejo de ter seu nome e sua memória preservados em um monumento funerário não partia somente das elites: muitos epitáfios simples dão conta da importância que esse hábito cultural tinha em todas as camadas sociais. Uma visão da religiosidade romana como um todo, porém, é difícil de obter através dos epitáfios: não havia nenhum consenso sobre vida após a morte nem sobre religiosidade. Ao contrário do cristianismo, que oferecia respostas pontuais, a religião pagã romana tinha a morte como o grande desconhecido (HOPE, 2007, p.211). Os que acreditavam em uma vida após a morte, porém, podiam ser muito supersticiosos com relação aos epitáfios: sua leitura e a pronúncia do nome da pessoa falecida poderiam evocar seu espírito, e este poderia mostrar-se maligno (HOPE, 2007, p.237). Deidades podiam aparecer como cruéis e raiva podia ser dirigida à deusa Fortuna⁵. Tais sentenças, é claro, talvez tenham sido usadas apenas como uma forma de expressão comum, não sendo indicadoras de que realmente se acreditasse em forças ou seres que controlassem a vida real (HOPE, p. 48, 2007).

⁵ Deusa romana responsável pelo destino dos humanos, semelhante à deusa grega Tyche.

Os rituais funerários romanos variavam de acordo com a classe social da pessoa. As classes mais baixas comumente não recebiam nenhum, sendo os corpos jogados em poços (*puticuli*) e os corpos de escravos imediatamente removidos da cidade. Nas famílias de alta classe, os rituais eram complexos. Os homens e as mulheres deixavam de exercer suas tarefas cotidianas, não podendo participar de rituais ou de atividades públicas e políticas⁶ e ramos de cipreste eram colocados em frente da casa do morto ou da morta. Durante a lamentação, os enlutados vestiam roupas escuras, ficavam em jejum e não tomavam banho nem penteavam os cabelos (ERKER, 2011, p. 44).

Determinadas tarefas no processo ritualístico da passagem da pessoa falecida eram consideradas atividades femininas ou masculinas. As lamentações e o pranto, duas maneiras de manter viva a memória do morto ou da morta, eram comumente praticados pelas mulheres. O elogio fúnebre, os sacrifícios e as purificações, eram tarefas geralmente delegadas aos homens. Existiam de maneira claras inúmeras transgressões dessa tradição. Como pode ser assegurado por textos literários romanos, os homens também lamentavam e pranteavam seus parentes perdidos, principalmente os de mais alta classe. Para Erker, a associação da feminilidade com os ritos de prantos e lamentos revelam uma construção normativa de gênero, ligada a uma moralidade da alta classe (ERKER, 2011, p. 40). O ato de prantear a pessoa falecida variava de acordo com o gênero e a classe social, variando também com o período e a localidade de Roma. O luto feminino era expresso no funeral de três maneiras: pela lamentação, pelo canto e pelo choro com tristeza. Em casos de assassinato, as mulheres podiam até mesmo usar as lamentações para instigar vingança. Já gemido (*gemitus*) era associado aos homens. Descrições literárias dão conta de homens e mulheres expressando os mesmos gestos de tristeza, como puxar o cabelo, arranhar as bochechas até gerar sangue, bater a cabeça no peito, se jogar na terra e colocar cinzas de lareira sob a cabeça. (ERKER, 2011, p. 45).

Os elogios fúnebres eram feitos apenas por homens para magistrados no *forum*. Muito raramente falavam de suas falecidas esposas ou parentes do sexo feminino, como fez Julio César com sua tia (SUETÔNIO, O Divino Júlio VI, 2). O elogio envolvia a menção dos memoráveis feitos e dos grandes antepassados do morto. O contraste entre o lamento apresentados pelas mulheres e os discursos apresentados pelos homens era grande: o primeiro comemorava a memória de um querido parente e o segundo exaltava uma figura de importância política e social (ERKER, 2011, p. 51).

⁶ Comumente os homens retomavam suas tarefas antes das mulheres, pois estas faziam o preparativo dos cadáveres com óleos, tornando-se “impuras” por um período maior de tempo. (ERKER, 2011, p. 44)

EPÍGRAFES E MONUMENTOS FUNERÁRIOS

O hábito epigráfico de se produzir inscrições funerárias nem sempre esteve presente no mundo antigo. Em Roma as inscrições funerárias raramente aparecem antes de 1º a.C, e sofrem um declínio por volta de 3 a.C. Meyer defende que a ascensão e a queda do hábito epigráfico, bem como sua extensão por partes do Norte da África e de Lyon são frutos de uma “romanização”. A valorização de um status romano incorporado por diversas províncias pode ter impulsionado a produção de epitáfios (MEYER, 1990, p. 74).

Livros com textos padrões de inscrições funerárias estavam disponíveis para ajudar os menos inspirados⁷, e também para delimitar uma forma. Apesar da aparente diversidade de temas de epitáfios, “o escopo do comprador para individualizar a mensagem e a maneira de transmitir - lá podem ter sido tolhidos por convenções” (HOPE, 2007, p. 143). Os epitáfios proporcionavam uma maneira de controlar como as futuras gerações os veriam. Como uma forma de controlar e construir um *ethos* adequado, o epitáfio era um símbolo de poder. Podendo ser escritos ou encomendados tanto por homens quanto por mulheres, era muito comum que esposos comemorassem um ao outro. Porém, as expectativas do sexo masculino em relação ao feminino foram muito mais explicitadas em textos funerários do que o contrário. As mulheres eram representadas de maneiras idealizadas, como exemplos de moralidade que engrandeciam seus maridos. Segundo Hope, “havia, com certeza, estereótipos e ideais de esposas que iam contra os de amantes e de concubinas” (HOPE, 2007, p. 191).

Através do testamento se podia descrever o tipo de monumento funerário desejado, a inscrição e até mesmo encarregar alguém de fazê-lo. O descumprimento de um último desejo explicitado em testamento era extremamente mal visto na sociedade romana e os herdeiros responsáveis pelo funeral se apressavam em mostrar que haviam respeitado com rigor a última vontade do falecido ou da falecida. Alguns epitáfios traziam a inscrição *ex testamento*, indicando que a mensagem contida e o *design* da escultura haviam sido escolhidos pela pessoa falecida e comunicado através do testamento. A expressão *vivus fecit*, por sua vez,

⁷ Uma discussão é feita a respeito da inscrição no epitáfio de um garoto (AE 1931.112) no qual acadêmicos afirmam ter havido um erro do escriba, resultando na inserção de *pueri nominandi* (insira o nome do garoto aqui) na mensagem. THE PETRIFIED MUSE . **Here lies (insert name here), or: why reading beyond a quotation is a really good idea.** Disponível em: <<https://thepetrifiedmuse.wordpress.com/2015/03/28/here-lies-insert-name-here-or-why-reading-beyond-a-quotation-is-a-really-good-idea/>>. Acesso em: 19 jun. 2016.

assinalava que a pessoa enquanto viva havia feito ela mesma o monumento ou o deixado encomendado. Outros continham até mesmo a informação de quanto dinheiro havia sido gasto no monumento, fosse para mostrar a generosidade do herdeiro que o construiu, ou para confirmar o orçamento estabelecido no testamento (HOPE, p. 64-65, 2007). As despesas com os funerais variavam entre 500.000 sestércios⁸ e 96 sestércios (JONES, 1982, p 128), não ficando claro, porém, se tratava do montante total do monumento e do funeral ou se apenas de um dos dois. Um subsídio de 250 sestércios para funerais, o *funeraticium*, foi criado no fim do primeiro século d.C., pelo Imperador Nerva. Embora tal medida não tenha durado muito, em tempos de crise sempre era oferecida ajuda de custo para realização de funerais (HOPE, 2007, p.88).

AURELIA

Lucius Aurelius Rermia e sua esposa Aurelia. Laje de pedra, atualmente no Museu Britânico. Encontrada em Roma, pela Via Nomentana, datada em 80 d.C. ou mais tarde. Ambos eram escravos libertos, de origem grega. Como pode ser lido, Aurelia morreu antes de Lucius, mas sua inscrição é representada como sendo narrada pela esposa.

CIL_1².1221⁴

[a] Lucius Aurelius Hérnia, liberto de Lucius, um açougueiro da Colina Viminal.

Ela, que veio à morte antes de mim, minha primeira e única esposa, casta no corpo, a mulher amada por meu coração possuído, viveu fiel ao seu homem fiel; em apreço igual às suas outras virtudes, nunca durante os tempos amargos ela se esquivou de seus deveres amorosos.

[b] Aurelia Philematium, mulher libertada de Lucius.

Na vida fui nomeada Aurelia Philematium, uma mulher casta e modesta, não sabendo nada da multidão, fiel a seu homem. Meu homem era um companheiro liberto; ele também era, na verdade, para além de um pai para mim; e, infelizmente, eu o perdi. Sete anos tinha eu, quando ele me levou no seu seio; quarenta anos de idade - e estou

⁸ 01 sestércio valia 04 *asses*, que era a moeda de cobre de menor valor, chegando a ter mesmo apenas um valor nominal (PARKIN & POMEROY, 2007, p. 360).

sob o poder de uma morte violenta. Ele fez através florescer por todas as estações os meus constantes deveres amorosos. . .⁹

Segundo Knapp,

Aurelia Philematio exemplifica uma mulher ideal quando ela é elogiada por sua modéstia, excelência, retidão moral e lealdade; ela expressa esses ideais por si mesma, mas como seu marido sobreviveu a ela e configurou a lápide podemos assumir os sentimentos são os dele, embora ela pudesse muito bem ter-lhes compartilhado (KNAPP, 2011, p. 37)

Lucius era um escravo que trabalhava como açougueiro, o que é indicador de uma classe social baixa. O adjetivo *casta* é muito comum nos epitáfios femininos. A menção feita à multidão pode refletir um valor proclamado por Tucídides de que a mulher ideal é aquela de quem o povo nada fala nem de positivo, nem de negativo: até mesmo as virtudes das mulheres devem ser mantidas em sigilo (Tuc. 2.45.2). A boa esposa não é conhecida e comentada por outros, ficando restrita apenas ao seu *domus*. Por outro lado, outras fontes romanas proclamam que ao menos uma das qualidades femininas deve ser mostrada ao público: a *pudicitia* (qualidade que será mais bem trabalhada ao vermos o epitáfio de Murdia). As tais “mulheres não respitáveis” referidas podem ser aquelas que não eram premiadas por sua notável *pudicitia*: fontes antigas também dizem-nos que era comum mulheres competirem entre si publicamente por maior grau de *pudicitia*, e que honras oficiais eram concedidas às vencedoras. (LANGLANDS, 2006, p. 38).

O homem, por sua vez, aparece exercendo seu poder protetor de *pater familias*, cuidando da esposa de maneira paternal. Um *pater familias* não precisava ser necessariamente um pai: a denominação legal era dada ao líder de um *domus* e compreendia não apenas cônjuge e filhos, mas também escravos e servos. De maneira teórica, seu domínio sob essas pessoas e sob sua propriedade era total, terminando apenas quando de sua morte ou pelo consentimento em emancipar um dos indivíduos. Com poucas exceções, uma mulher estava

⁹ Tradução feita por mim à partir da tradução para o inglês de E.H. Warmington: [a] *Lucius Aurelius Hernia, freedman of Lucius, a butcher of the Viminal Hill. She who went before me in death, my one and only wife, chaste in body, a loving woman of my heart possessed, lived faithful to her faithful man; in fondness equal to her other virtues, never during bitter times did she shrink from loving duties.*

[b] *Aurelia Philematium, freedwoman of Lucius.*

In life I was named Aurelia Philematium, a woman chaste and modest, knowing not the crowd, faithful to her man. My man was a fellow-freedman; he was also in very truth over and above a father to me; and alas, I have lost him. Seven years old was I when he, even he, took me in his bosom; forty years old - and I am in the power of violent death. He through my constant loving duties flourished at all seasons . . .

sempre sob o poder de um *pater familias*: seu pai, seu marido ou um guardião. Casamentos tradicionais envolviam cerimônias nas quais o *pater familias* “entregava” a noiva ao marido tanto de uma maneira sentimental quanto legal (FINLEY, 2002, p. 149). Em contrapartida, a *fides* (fidelidade) aparece como sendo uma qualidade pertencente a ambos os gêneros.

Hallett expõe que é possível que Aurelia tenha até mesmo casado com Lucius aos sete anos de idade. Em seu argumento, isso pode ter contribuído para a criação de laços afetivos entre os dois, uma vez que famílias escravas se separavam muito precocemente. Daí a associação de Aurelia do esposo como também pai (HALLET, 1999, p. 272). D’Ambra argumenta que não é possível saber quando as atenções paternas teriam se tornado amorosas nem se a união teria se dado antes ou depois da alforria (D’AMBRA, 2007, p. 83). A versão de Treggiari é a de que os dois se conheceram quando ambos eram escravos e ela tinha apenas sete anos, e que o epitáfio sugere que eles “se gostaram” desde o primeiro encontro (TREGGIARI, 1993, p.124). Wigelsworth nota que apenas Sigismund-Nielsen nota o quanto de abuso infantil pode haver na história de Aurelia

No pior cenário possível, em termos modernos, retratam essa mulher como uma criança sexualmente abusada forçada a casar com seu estuprador - um açougueiro - com quem, em seguida, teve que viver isolada do mundo até que ela misericordiosamente morreu. Estranhamente, esta possibilidade não tem sido abordada nas inúmeras referências a este monumento (SIGISMUND, 2010, p. 17-18)

HORAEA

Horaea, cujo túmulo foi encontrado em Traiectum no Liris, de aproximadamente 45 d.C. Atualmente, a pedra encontra-se perdida:

*CIL*_1². 1570

Publia Horaea, mulher libertada de Publius e sua esposa

Eu fui uma mulher respeitada pelos bons e odiada pelas mulheres não respeitáveis. Para meu velho mestre e amante eu fui uma serva obediente, mas para ele como marido, fui uma esposa cumpridora dos deveres. Deram-me a liberdade e ele me vestiu com um manto. Por vinte anos, desde minha infância, eu mantive a casa inteira. Meu

último dia deu sua sentença e a morte levou meu último suspiro, mas não levou o esplendor de minha vida.¹⁰

O caso de Horaea é interessante: uma ex-escrava que se casou com o seu ex-senhor, já idoso. É possível notar uma diferenciação entre os termos que conotam “obediência”, separando os deveres de serva dos de esposa, embora ambos fossem baseados no cuidado da casa, que ela ressalta ter mantido por toda sua vida. Uma performance satisfatória da mulher nos deveres maritais e reprodutivos podia simbolizar uma moral adequada no setor público, assim como a negligência de deveres era sintomático de um colapso na ordem cívica. (SKINNER, 1997, p. 11). Imagens de mulheres imperiais eram incluídas nos monumentos públicos quando uma dinastia estava em crise, para transmitir uma mensagem ideológica sobre o papel central da vida familiar e da reprodução para o bem-estar da comunidade (KAMPEN, 1982, p. 243). Em seu estudo *Fortunata e as virtudes da mulher liberta*, Marilyn Skinner coloca a Fortunata em Satíricon de Petrônio como representante das ex-escravas mulheres. O casamento legal e a reprodução de filhos legítimos eram permitidos logo após a alforria.

Os monumentos funerários dessa classe de mulheres geralmente demonstravam uma grande solidariedade entre a família e ressaltando características da mulher como “harmoniosidade” (*concordia*), confiabilidade (*fides*), e modéstia (*pudicitia*). Tais virtudes são as mesmas prezadas pela nobreza (SKINNER, 2012, p. 200), apesar de estarem muito presentes nos epitáfios de famílias que estão ascendendo na sociedade e querendo se consolidar economicamente, tentando por isso associar seu nome a uma ideia trabalho duro doméstico. A mulher aparece como peça fundamental para o sucesso financeiro da família. É citado na sátira que o monumento funerário de Fortunata será composto por sua figura à direita da do marido, segurando uma pomba (símbolo de devoção ao casamento) e guiando um filhote de cachorro (símbolo de fidelidade). Após uma discussão com seu marido Trimalchio, este decide retirar a estátua de Fortunata do monumento funerário do casal. Tal atitude, negando os protocolos romanos de funerais causa *damnatio memoriae* à Fortunata, negando-a seu reconhecimento póstumo como *materfamilias* (SKINNER, 2012, p. 210).

¹⁰ Tradução feita por mim a partir da tradução para o inglês de E.H. Warmington: *I was a woman respected by the good and hated by no respectable woman. To my old master and mistress I was an obedient servant, but to him yonder my husband I was a dutiful wife; for they gave me freedom, and he arrayed me in a robe. For twenty years since my girlhood I maintained the whole house. My last day delivered its judgment and death took away my breath, but took not the splendour of my life.*

Fortunata é ofendida sendo chamada de “ex- flautista”. O termo para essa profissão, *ambubaia*, deriva do termo sírio para “flauta” e também usado para designar prostituição nas camadas mais baixas. (SKINNER, 2012, p. 204). Profissões ligadas ao público, como artista, por exemplo, sofriam enorme preconceito da sociedade e eram reservadas às camadas mais baixas, assim como a prostituição. Em diversos casos, trabalhar se expondo a um público era fortemente associado à prostituição.

Existem divergências sobre se o fato de uma mulher ter exercido uma profissão vergonhosa como a de prostituta macularia para sempre sua imagem ou se ao se tornar alforriada e *materfamilias* poderia ocupar um lugar de prestígio junto às famílias romanas que ascendiam economicamente. Por um lado, se aponta que essa mulher seria uma *infamis* e teria seus direitos legais seriamente prejudicados

Devemos aceitar como *materfamilias* a mulher que não tem vivido vergonhosamente, uma vez que o seu comportamento marca fora e separa os *materfamilias* de outras mulheres. Consequentemente, não importa se ela é casada ou não casado, nascido livre ou uma liberta: para casamento ou nascimento não faz um *materfamilias* - os bons costumes fazem (ULPIANO, 50.16.46.1 apud SKINNER 2012, p. 205)

A Lei Juliana dava suporte para que um homem processasse sua esposa por adultério caso descobrisse que anteriormente ela havia se prostituído. Se fosse solteira, porém, a mulher estaria imune a processos por *stuprum*¹¹. Skinner vê essa sentença como um indício de que o casamento muda o status legal da mulher, de modo que ela passa a estar sujeita à punição por crimes sexuais após sua mudança de condição jurídica (SKINNER, p. 206)

Em contrapartida, algumas visões afirmam que a observação da boa conduta é o critério para saber se uma mulher é ou não uma matrona respeitável ao contrário das consideradas “mulheres de má reputação”. Por isso, se uma escrava vive virtuosamente agora em casamento respeitando às leis, ela pode aspirar ao posto de *materfamilias*, não importando o que ela foi forçada a fazer antes da alforria (SKINNER, 2012, p. 206)

Fontes epigráficas mostram que mulheres associadas à estas profissões como mímicas, dançarinas que ainda se achavam escravizadas, são comemoradas por seus maridos como esposas. Inclusive, duas escravas do ramo do entretenimento tiveram seus túmulos marcados com o epíteto comum de boa esposa: *bene merenti* (SKINNER, 2012, p. 206) O fato de essas mulheres terem túmulos com inscrições pode indicar que estas famílias de artistas não eram pobres. Mas, deve-se também levar em conta o fato de que diversas os custos dos funerais eram pagos por clubes e associações, ou até mesmo por mestres generosos.

¹¹ Num sentido amplo, crime de ofensa sexual (SKINNER, 2012 p. 08)

CLAUDIA

Claudia, fragmento de tablete ou de pilar, encontrado em Roma, atualmente está perdido. Data aproximada de 135-120 d.C.

CIL_1².1211

Estranho, a minha mensagem é curta. Espere e a leia. Aqui é o odiável túmulo de uma mulher amável. Os pais dela a chamaram pelo nome Claudia. Ela amava o marido com todo o seu coração. Ela pariu dois filhos; destes, ela deixa um na terra; sob a terra ela colocou o outro. Ela era charmosa em uma conversa, com um comportamento adequado. Ela cuidou da casa, ela fez lã. Essa é a minha última palavra. Siga o seu caminho.¹²

Segundo Finley, é perceptível que não foi Claudia quem escolheu os versos de seu epitáfio e sim seu marido. A apelação á devoção doméstica e o lugar-comum de frases que exaltam a boa convivência do casal apenas formulam o ideal de mulher imposto pelos homens da classe média-alta. Nem mesmo a individualização evocada pela menção da escolha do nome por parte dos pais é convincente: até um período tardio, em Roma os nomes das mulheres nada mais eram do que os nomes de suas famílias com um final feminino. Irmãs tinham o mesmo nome e eram diferenciadas por “mais nova” e “mais velha”, ou “primeira” e “segunda”. (FINLEY, 2002 p. 148)

Ainda de acordo com Finley, "Ela amava o marido... Ela deu à luz dois filhos... Ela manteve a casa e trabalhou em lã" era o maior elogio fúnebre que uma mulher poderia receber, não somente na Roma Antiga, mas em grande parte da história humana:

O que se passava por trás da fachada aceita, o que Claudia pensou ou disse para si mesma, nós nunca saberemos. Mas quando o silêncio é quebrado, os sons que emergem – pelo menos na família real- não são bonitos. A maioria das Claudias sem dúvida não somente aceitou plenamente como também defendeu os valores fixados por seus homens; elas não conheciam outro mundo (FINLEY, 2002, p.156).

¹² Tradução feita por mim a partir da tradução para o inglês de E.H. Warmington: *Stranger, my message is short. Stand by and read it through. Here is the unlovely tomb of a lovely woman. Her parents called her Claudia by name. She loved her husband with her whole heart. She bore two sons; of these she leaves one on earth; under the earth has she placed the other. She was charming in converse, yet proper in bearing. She kept house, she made wool. That's my last word. Go your way.*

Na inscrição para Claudia é possível obter informação sobre a ocupação de Claudia, como fazedora de lã. Tal afazer era comum entre as mulheres romanas dos segmentos médios de classe. A vida econômica das mulheres romanas teve um crescimento durante o fim da República, com um enfraquecimento do *pater postestas*. Mudanças nas concessões dos dotes fizeram com que mais mulheres fossem donas de terras e propriedades. Por outro lado, muitas continuavam a desempenhar pequenas tarefas domésticas como forma de renda. Quanto à produção e ao comércio de têxteis, as mulheres apareciam envolvidas em várias categorias: como uma *quasillaria* (empregada na sala de fiação), *sarcinatrix* (cerzidora de roupas), ou *textrix* (tecelã, provavelmente o caso de Claudia). Finley defende que devido ao fato de as camadas mais baixas necessitarem da renda provinda do trabalho das mulheres, estas teriam uma independência maior do que as mulheres aristocratas. Ressalta, também, que o trabalho com lã feito por Claudia provavelmente não era exercido fundamentalmente como forma de renda para a família

Nem eles poderiam tão facilmente dispensar o serviço de trabalho de uma esposa, seja na fazenda ou em uma tenda do mercado, uma pousada ou em uma oficina. Uma coisa era "trabalhar em lã", como fez a Claudia cujo epitáfio que citei anteriormente; algo muito diferente de trabalhar em lã a sério. (FINLEY, 2002, p. 153).

Segundo Knaap, a fiação de lã provia material para fazer roupas e a mulher poderia produzir uma quantidade excedente para comercializar. Dessa forma, era possível conciliar um apoio na renda e uma atividade tipicamente associada às “boas mulheres” romanas.(KNAAP, 2011, p. 53).

Várias outras funções domésticas femininas também estão representadas: *ancilla* (geralmente uma escrava envolvida em tarefas domésticas), *lecticaria* (arrumadora de cama), *ostiaria* (porteira), *pedisequa* (assistente pessoal), *tonstrix* (cabeleireira) (CALDELLI, 2014, p. 590). Algumas tarefas mencionadas requerem um certo nível de treinamento : *Nutrix* (nutriz, mas também professora das crianças até a idade de seis ou sete), *paedagoga* (professora de crianças até a idade de treze anos) e *opstetrix* (parteira, mas também ginecologista). Estas são as profissões de maior prestígio que uma mulher que poderia alcançar, sendo profissões também desempenhadas por homens.

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: IULIA E PRIMA FLORENTIA

Apesar de abuso doméstico não ter sido grandemente reportado nas fontes da Roma Antiga, existem evidências de sua existência, tanto em obras literárias como no caso da

Fortunata de Petrônio, até vestígios em documentos judiciais, como no caso de Regilla. Sarah Pomeroy, em seu livro *The murder of Regilla: a case of domestic violence in antiquity*. Ao contrário do que acontece com Regilla, que pertencia a uma família com boas condições financeiras, os familiares de mulheres de baixa renda podiam encontrar dificuldades maiores ao buscar justiça. Uma vez que não havia uma força policial pública como conhecemos hoje, nem prisão de suspeitos era realizada até que o caso fosse solucionado. Os membros da família eram responsáveis por pagar um advogado, juntar provas e até mesmo buscar vingança.

Alguns poucos epitáfios também registraram casos de casamentos que terminaram de maneira fatal para as esposas.

IULIA MAIANA

CIL XIII. 2182

Para o espírito dos mortos e pelo descanso eterno de Iulia Maiana, a mais santa mulher, morta pela mão do marido mais cruel, com quem ela viveu 28 anos antes da morte se tornar seu destino e com quem foram gerados dois filhos, um menino de 19 anos e uma filha de 18 anos. Oh, honra, oh, dever! Seu irmão, Julius Maior montou este [monumento] para sua mais doce irmã, assim como Ingenuinius Ianuarius, seu filho e o dedicou ainda sob o martelo.¹³

A inscrição data de 326 d.C. e Iulia era mãe de um casal de filhos já adultos. Seu casamento era de longa data, mas é possível que ela fosse ainda uma mulher relativamente jovem, já que não é mencionada a idade em que contraiu matrimônio nem a idade com a qual foi assassinada. Também não é possível saber se Iulia sofreu violência durante todo o período em que esteve casada ou se tratou de um caso isolado e fatal. Segundo Judith Sebesta, há duas possibilidades para explicar o porquê de o nome do marido assassino não estar presente na inscrição: talvez seus atos de violência fossem conhecidos por todos do círculo social da família (o que reforçaria a ideia de que as agressões foram recorrentes durante a relação), não

¹³ Tradução feita por mim a partir da tradução para o inglês de Maureen Carroll: *To the spirits of the dead and the eternal rest of Iulia Maiana, most sainted woman, killed by the hand of the cruellest husband with whom she lived twenty-eight years before death became her fate, and with whom two children were begotten, a boy aged nineteen and a daughter aged eighteen. Oh honour, oh duty! Her brother, Iulius Maior, set this up to his sweetest sister, as did Ingenuinius Ianuarius, her son, and dedicated it while still under the hammer.*

sendo necessário explicitar. Ou talvez seus irmãos e seu filho tenham tido a intenção de condenar o ex-marido ao esquecimento, recusando-se a registrar seu nome como um ato de *damnatio memoriae* (SEBESTA, 2016). O monumento conta com a dedicatória D M, que foi comum nos três primeiros séculos do Império. Os símbolos que separam as letras são um tipo de martelo de pedreiro encontrados apenas nas inscrições romanas da Gália Lugdunense, atual Lyon, onde a peça foi encontrada.

PRIMA FLORENTIA

AE 1987.0177k

Restituto Picenensis e Prima Restituta encomendaram esta lápide para Prima Florentia, sua amada e querida filha, jogada no rio Tibre por seu marido Orfeu. Seu parente chamado Dezembro ergueu este monumento para ela, que viveu 16 anos.¹⁴

O caso de Florentia é bem diferente do de Iulia. Julgando por sua pouca idade, seu casamento era bastante recente. Seus pais optaram por colocar na inscrição o nome do marido e assassino, De acordo com Carroll, provavelmente como uma forma de e humilhação pública, desejando que todos tomassem conhecimento do crime e de seu culpado (CARROLL, 2006, p.154). Segundo Sebesta, já que nenhuma punição legal é mencionada, talvez os pais de Florentia tenham perdido o processo contra o marido ou não tenham tido condições financeiras de fazê-lo. Embora não seja possível precisar o status social de Florentia e sua família, é muito possível que pertencessem a uma classe baixa, pois seus nomes não fazem parte dos padrões de nomeação da alta classe romana (SEBESTA, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a análise epigráfica de epitáfios, podemos obter vestígios da existência dessas diversas outras realidades femininas geralmente negligenciadas na História canônica. As expectativas masculinas são refletidas no uso repetitivo de adjetivos tais como: “casta”,

¹⁴ Tradução feita por mim do original em latim: RESTUTUS PISCINE(N)SIS / ET PRIMA RESTUTA PRIMAE / FLORENTIAE FILIAE CARISSIMAE / FECERUNT QUI(!) AB ORFEU MARIT<O=V> IN / TIBERI DECEPTA EST DECEMBER CO<G=C>NATU//S // POSUIT Q(UAE) VIX(IT) ANN(OS) XVI

“modesta”, “cumpridora dos deveres”, “pura”, “justa”. Tais informações são altamente generalizantes e representam um lugar-comum na sociedade. Suas presenças massivas nas inscrições funerárias indicam que este *ethos* transcendeu as barreiras de classes sociais.

A diversidade de vivência social na Roma Antiga era grande, mas a maior parte dos epitáfios femininos não oferece imagens claras sobre estas mulheres. Para se pensar a “realidade” feminina e seguir as pistas deixadas pelas inscrições é necessário analisar o contexto e o pensamento da sociedade da época para além das vozes enviesadas –geralmente masculinas– contidas nas fontes, levando sempre em consideração as limitações que podem causadas por nossos próprios vieses.

BIBLIOGRAFIA

- BRUUN, Christer, & EDMONDSON Jonathan, eds. *The Oxford Handbook of Roman Epigraphy*. Oxford University Press, 2014.
- CALDELLI, Letizia Maria. Women in Roman World. In.: BRUUN, Christer, & EDMONDSON Jonathan, eds. *The Oxford Handbook of Roman Epigraphy*. Oxford University Press, 2014.
- CARROLL, Maureen. *Spirits of the dead: Roman funerary commemoration in Western Europe*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- COOLEY, Alison E. *The Cambridge manual of Latin epigraphy*. Cambridge University Press, 2012.
- D'AMBRA, Eve. *Roman women*. Cambridge University Press, 2007.
- DZIUBA, Agnieszka & MILNOR, Kristina. Gender, domesticity, and the age of Augustus: inventing private life, Kristina Milnor, Oxford 2008:[recenzja]." *Roczniki Humanistyczne* 57, no. 3 (2009): 147-151.
- ERKER, Darja Sterbenc. Gender and Roman Funeral Ritual. In.: HOPE & HUSKINSON Ed. *Memory and Mourning: Studies on Roman Death*, pp. 40-60. Oxford/Oakville, CT: Oxbow Books.
- FINLEY, Moses. The Silent Women of Rome. In.: MCCLURE, Laura K., ed. *Sexuality and gender in the classical world: readings and sources*. John Wiley & Sons, 2008.

- GOLD, Barbara K. "But Ariadne was never there in the first place". In.: RICHLIN, Amy, & RABINOWITZ, Nancy Sorkin, eds. *Feminist Theory and the Classics*. Routledge, 1993.
- HALLETT, Judith P. Feminist theory, historical periods, literary canons, and the study of Greco-Roman antiquity .In.: RICHLIN, Amy, & RABINOWITZ, Nancy Sorkin, eds. *Feminist Theory and the Classics*. Routledge, 1993.
- _____, Judith P. Women in the Ancient Roman World. In.: VIVANTE, Bella ed. *Women's Roles in Ancient Civilizations: A Reference Guide*. CT: Greenwood Press, 1999
- HITCHCOCK, Louise. *Theory for classics: a student's guide*. Routledge, 2008.
- HOPE, Valerie M.; HUSKINSON, Janet. *Memory and mourning: studies on Roman death*. Oxbow Books, 2011.
- _____, Valerie. *Death in ancient Rome: a sourcebook*. Routledge, 2007.
- HUSKINSON, Janet. Bad deaths, better memories. In.: HOPE, Valerie M.; HUSKINSON, Janet. *Memory and mourning: studies on Roman death*. Oxbow Books, 2011.
- JEPPESEN-WIGELSWORTH, Alison D. *The Portrayal of Roman Wives in Literature and Inscriptions*. 2010. Tese de Doutorado. University of Calgary.
- J. D'ENCARNAÇÃO, *Introdução ao estudo da epigrafia latina*. Coimbra: Institutos de Arqueologia e de Historia da Arte, Faculdade de Letras, 1987.
- KNAPP, Robert. *Invisible Romans*. Harvard University Press, 2011.
- LANGLANDS, Rebecca. *Sexual morality in ancient Rome*. Cambridge University Press, 2006.
- LIPKA, Michael. *Roman gods: a conceptual approach*. Vol. 167. Brill, 2009.
- MCCLURE, Laura K., ed. *Sexuality and gender in the classical world: readings and sources*. John Wiley & Sons, 2008.
- MEYER, Elizabeth A. Explaining the epigraphic habit in the Roman Empire: the evidence of epitaphs. *Journal of Roman Studies* 80, 1990. p 74-96.
- OLIVER, Graham John. *The epigraphy of death: studies in the history and society of Greece and Rome*. Liverpool University Press, 2000.
- PARKIN, Tim & POMEROY, Arthur. *Roman social history: a sourcebook*. Routledge, 2007.
- POMEROY, Sarah B. *The murder of Regilla: a case of domestic violence in antiquity*. Harvard University Press, 2009.
- RICHLIN, Amy. *The ethnographer's dilemma and the dream of a lost golden age*. In.: _____, Amy, & RABINOWITZ, Nancy Sorkin, eds. *Feminist Theory and the Classics*. Routledge, 1993.

SKINNER, Marilyn B. Classical studies, patriarchy and feminism: The view from 1986. *Women's Studies International Forum*. Vol. 10. No. 2. Pergamon, 1987.

_____, Marilyn B. & HALLETT, Judith P., eds. *Roman Sexualities*. Princeton University Press, 1997.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?*. Editora UFMG, 2010.

TREGGIARI, Susan. *Roman Marriage: Iusti coniuges from the Time of Cicero to the time of Ulpian*. Oxford University Press, 1993.

WARMINGTON, Eric Herbert, ed. *Remains of old latin*. Vol. 4. Loeb Classical Library, 1967.

SITES

EPIGRAPHIK-DATENBANK CLAUSS / SLABY EDCS . Search. Disponível em: <http://db.edcs.eu/epigr/epikl_en.php>. Acesso em: 11 jun. 2016.

SEBESTA, Judith L. In.: ONLINE COMPANION TO THE WORLDS OF ROMAN WOMEN. Wife abuse. Disponível em: <<http://www2.cnr.edu/home/sas/araia/companion.html>>. Acesso em: 11 jun. 2016.